

des nem motivações, o cremos, para dar-nos a esta tarefa, tão essencial e primeira para amarmos o que abraçamos, respondendo ao chamado de servir ao Reino, pela Igreja, no ministério sacerdotal ordenado.

NOTAS

¹ Cf *Dicionário de Espiritualidade*, Ed. Paulinas, SP, 1989, pag. 349

² Cf *Comunicado Mensal da CNBB*, nº 430, ano 38, pp. 642-646

³ Cf *Tudo é oração* (mimeo), trad. rev. "Vida espiritual", Bogotá, julho/setembro de 1989, p. 3

BIBLIOGRAFIA:

GALILEA, S. *O Caminho da Espiritualidade*, Ed. Paulinas, SP, 1985

GUERRE, R. *Espiritualidade do Sacerdote diocesano*, Ed. Paulinas, SP, 1987

TEPE, V. *Presbítero hoje*. Vozes, Petrópolis, 1994

Compêndio do Vaticano II (LG, PO e OT), Vozes, Petrópolis, 1986

Estudos da CNBB nº 1: *Espiritualidade presbiteral hoje*, Ed. Paulinas, SP, 1974

Documentos da CNBB nº 55: *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*, Ed. Paulinas, SP, 1995.

Documentos da CNBB nº 54: *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da igreja no Brasil*, Ed. Paulinas, SP, 1995

Documentos da CNBB nº 56: *Rumo ao Novo Milênio*, Ed. Paulinas, SP, 1996

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, Ed. Loyola, SP, 1992.

Documento da OSLAM: *Espiritualidad del Clero diocesano*, Arte Publicaciones, Bogotá, 1986

Vida Pastoral, Ed. Paulinas, SP, maio-junho/95, nº 182

Boletim da OSLAM nº 28, Edición especial, Bogotá, 1995

Comunicado Mensal da CNBB, n. 498, jan/fevereiro 1996, pp. 141-177.

Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Tubarão
Caixa Postal 5073
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

Espiritualidade e Espiritualidades

A Espiritualidade de um Presbítero Jubilar

Mons. Valentim Loch
Vigário Geral da Arquidiocese

Fui convidado para estar aqui hoje, e proferir a "Lectio Brevis", ou aula inaugural, do ano letivo de 1996. O convite me foi feito pelo Diretor desta casa, padre Manoel João FRANCISCO, a propósito do meu Jubileu Áureo Sacerdotal, ou seja, de Ordenação Sacerdotal, ocorrido a 08 de dezembro p.p.

Evidentemente, já que não sou teólogo, não me compete aprofundar um tema teológico, nem pretendo falar sobre a teologia do Jubileu, embora se encontrem alguns dados preciosos na Escritura (Lv 25), segundo a qual estamos vivendo hoje o verdadeiro e autêntico jubileu, definido por Jesus como o "Ano da Graça do

"Jesus e sua Palavra constituem um mistério consolador, inesgotável"

Senhor" (Lc 4,19), "ano jubilar" que culminará na eternidade.

O que resta dizer então? Parece que estou a ouvir vocês dizendo: Fale de sua vida e da sua experiência como seminarista e sacerdote, ao longo desses cinquenta e poucos anos. Procurarei fazê-lo, falando de um modo simples, ao mesmo tempo com naturalidade e humildade, sobre algumas passagens de minha vida de seminarista e de sacerdote, acontecida ao longo de 65 anos: 8 de Seminário menor, 7 de Seminário maior, e 50 como presbítero da nossa Igreja.

1. Quero dizer-lhes, em primeiro lugar, que senti e sinto como é verdadeira, profundamente verdadeira, a palavra de Jesus, contida em Jo 15,5: *Sem Mim NADA podeis fazer*. Tenho lido e ouvido muitas vezes esta passagem da Escritura, mas devo confessar-lhes que ainda hoje não consigo alcançar-lhe o sentido mais profundo, pois Jesus e sua Palavra constituem um mistério consolador, inesgotável. Em muitos encontros e cursos, este evangelho da Videira e dos ramos (Jo 15, 1-17) é leitura

obrigatória em ao menos uma das celebrações eucarísticas. Mas é forçoso confessar, e eu próprio o sinto: como é forte a tentação de pelagianismo, de confiar apenas ou quase só nos recursos naturais para obter a graça da conversão e da salvação. A Palavra de Jesus é um convite contínuo à vida interior, vida com Ele: *"Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que não der fruto em mim, ele cortará; e podará todo o que der fruto, para que produza mais ainda. Permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer unido à videira. Assim também vós: não podeis tampouco dar fruto, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanecer em mim, e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer"* (Jo 15, 1-5).

Este passo da Sagrada Escritura é fundamental, absolutamente fundamental, ao se falar em vida espiritual ou em santificação, pois esta é a verdadeira vida: *"Eu vivo, mas já não eu, é Cristo que vive em mim (Gl 2,20)*. PAULO podia falar assim, pois Cristo era tudo para ele; amava apaixonadamente o Mestre. Por ele suportava qualquer sofrimento, por mais atroz que fosse. E o segredo está na frase citada, da carta aos Gálatas.

A união íntima entre o tronco e os ramos, que se alimentam todos da mesma seiva, a qual provém sempre do tronco e não é nem pode ser produzida por nenhum ramo, é a representação perfeita do Corpo Místico: circula em cada membro a vida de Cristo, que é a Cabeça que dá a vida ao Corpo. Separado da comunhão com os irmãos, e da comunhão com eles em Jesus, o membro corre sério perigo de estíolar, pois se marginaliza a si mesmo e deixa de participar da seiva do sangue vital que circula por todo o CORPO MÍSTICO.

Na Igreja, hoje, fala-se muito em participação: são os leigos que querem participar mais das decisões da Igreja ou da comunidade; são as mulheres que exigem participação no sacerdócio ministerial... O documento de Puebla já dera uma resposta: COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO. Para que haja participação autêntica e verdadeira, mister se faz que haja autêntica e verdadeira comunhão. Aliás, a comunhão deve levar e leva de fato à participação. Ou melhor: a verdadeira comunhão já é participação. Assim, na Eucaristia participamos do mesmo Corpo e do mesmo Sangue de Jesus (numericamente o mesmo). Participamos, portanto, todos da mesma vida que brota do tronco, ou seja, da Cabeça, fonte da vida no Corpo Místico. Participamos dos mesmos sacramentos, da mesma Palavra de Deus.

Esta é a participação fundamental, sem a qual toda e qualquer outra participação fica desprovida de todo e qualquer sentido. Em outras palavras, é preciso ter sempre presentes as palavras de Paulo: *"Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro, diverso daquele que já foi posto: JESUS CRISTO"*. E diz ainda que sobre este fundamento se pode construir com material à livre escolha; mas que no fundamento ninguém se atreva a mexer (cf 1Cor 3,11-14).

Construamos pois, todos os que desejamos contruir, sacerdotes do clero diocesano, religiosos, religiosas, jovens, adultos, crianças, seminaristas, sobre este fundamento que não admite outro, sob pena de fracasso. Mas, com ele, nossa construção permanecerá inabalável.

Dizia alguém: *"São muitos os que sabem falar de Deus; são menos os que sabem falar com Deus; mas poucos são os que sabem calar, para que DEUS possa falar!"*

Jesus quer falar a cada um, mormente aos que acolherem o sacerdócio e/ou a vida religiosa. Ele precisa falar. Sem isso não podemos conhecê-lo, muito menos ter intimidade com ELE.

2. E agora peço licença para recordar alguns momentos que mais me marcaram durante a vida seminarística e sacerdotal. - Nasci aos 10 de outubro de 1921, em são Ludgero, paróquia da atual diocese de Tubarão. Nos primeiros dias de fevereiro de 1932, com mais 29 candidatos, todos novatos, fui para o Seminário de Azambuja, Brusque. O meio de transporte era um caminhão de carga, de propriedade do Sr. João FRAGA, de Braço do Norte. A paróquia de são Ludgero tinha à sua frente figuras ímpares de dois sacerdotes de nacionalidade germânica: Mons. Frederico TOMBROCK e Mons. Huberto OTHERS, ambos do clero diocesano. Se a paróquia fosse dirigida por sacerdotes de ordem ou congregação religiosa, acredito que teria sido mandado para um seminário deles.

Creio ainda que me teria dado bem em qualquer fraternidade religiosa, e que não teria dificuldade em emitir e em observar o tríplice voto de probreza, castidade e obediência, entre os quais considero este

*"A comunhão
deve levar
e leva de fato
à participação"*

último o mais difícil, o que não é de causar admiração, pois foi o que mais custou ao Divino Mestre. Atestam-no dois brados angustiosos durante a Paixão: *"Pai, se é possível, passe de mim este cálice"* (Mt 26,39), e aquele outro: *"Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"* (Mc 15,34). Mas foi exatamente pela obediência que Ele nos remiu e nos salvou: *"Feito obediente até a morte... Por isso, Deus o exaltou..."* (Fl 2,8-9)

Quando ia começar os estudos de Filosofia, antes de seguir viagem, ou melhor, numa parada durante a viagem, fui abordado por um sacerdote religioso, que me fazia ver as excelências e as vantagens do estado religioso, terminando com ênfase: *"Não é nada vantajoso ajudar os outros a salvar-se, e depois disso ser condenado, ou correr o perigo de o ser"*. A "isca" não me convenceu. As palavras do padre, bem intencionadas, sem dúvida, não conseguiram impressionar-me, pois conhecia tantos padres seculares, verdadeiros santos, homens de Deus, a começar pelos de minha paróquia e de meu seminário menor. Sempre senti admiração pelo estado religioso, pois, embora todos sem exceção, sejam obrigados a serem santos, em decorrência do próprio Batismo e da inserção no Corpo Místico, há todavia, na Igreja, um grupo de pessoas de ambos os sexos, os religiosos, que assumem o dever da santidade com radicalidade, procurando ser Sinal das realidades futuras. Ao mesmo tempo, porém, sentia eu que deveria continuar a formação para ser padre diocesano, pois a Arquidiocese e o Arcebispo, vale dizer a

Igreja, precisavam de padres. Não precisavam exatamente de mim, mas precisavam de padres.

O que, ou quem me conquistou, para as fileiras do clero diocesano, foram o próprio Reitor e os seminaristas de Azambuja. Dom Jaime, ou Padre Jaime de Barros CÂMARA, primeiro reitor, foi e continua sendo, para mim, um dos grandes beneeméritos da pastoral vocacional nas dioceses de Florianópolis e de Tubarão. Nos primeiros tempos de Seminário de Azambuja, até o desmembramento da diocese de Tubarão, em 1955, o maior contingente de alunos era sempre proveniente de paróquias do sul do Estado, celeiro natural de vocações ou, usando a expressão de um irmão marista, também grande benemérito das vocações, o Sul era uma forte "malha" vocacional.

No início de 1927, ano da fundação do seminário de Florianópolis, Dom Joaquim sugere ao primeiro reitor, padre Jaime, que vá a São Ludgero, pois lá havia, segundo o próprio Arcebispo, "uns alemãezinhos muitos bons". E a viagem do padre Jaime rendeu bons frutos, pois trouxe consigo: Afonso NIEHUES, Huberto BRUENING, Gregório LOCKS, João PHILIPPI e Frederico HOBOLD, e mais alguns. Depois dos "alemãezinhos", vieram não poucos de outras etnias. Isto tudo era devido ao interesse dos párocos apesar da distância geográfica do seminário, mas sobretudo ao espírito apostólico do padre Jaime, que passava suas férias, não em casa de veraneio ou de repouso, mas visitando as paróquias, sempre acompanhado de

*"O clássico
'Segue-me', sem
dúvida alguma
era precedido
de um encontro
prolongado"*

um grupo de seminaristas, convidando pessoalmente e nominalmente a uns e outros, perguntando se não gostariam de ser padre, como aliás o próprio Jesus costumava fazer: o clássico "Segue-me", sem dúvida alguma, era precedido de um encontro prolongado, de um diálogo

muito amigo, em que o Mestre punha toda a sua alma, deixando transparecer a sua vibração e entusiasmo pelo Reino que vinha trazer.

3. De 1932 a 1938 fui aluno do seminário Menor de Azambuja, onde o Padre Jaime conseguira introduzir e solidificar um ambiente de oração, estudo e trabalho. - De 1939 a 1945 cursei Filosofia e Teologia no então Seminário Central de São Leopoldo, destinado pela Santa Sé a todos os estudantes de Filosofia e Teologia das dioceses do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Éramos mais ou menos 120 filósofos e outros tantos teólogos, alojados em dois prédios enormes, separados apenas pela Rua Bento Gonçalves, Os padres jesuítas eram os proprietários da casa, tendo em suas mãos a direção da mesma e a formação dos futuros padres, missão que lhes fora confiada pela Santa Sé. Mais tarde o Seminário Maior, Filosofia e Teologia, passou a funcionar em Viamão, sendo que o Seminário Central cedeu o seu espaço físico para uma grande Universidade: UNISINOS, que hoje se encontra em outro local da mesma cidade de São Leopoldo,

sob a direção dos mesmos padres da Companhia de Jesus.

De São Leopoldo guardo imorredoura lembrança: refiro-me aos sacerdotes jesuítas que tive a ventura de conhecer. Acho que não devo citar nomes, pois todos foram homens que em nós, alunos, imprimiram a sua marca, pelo profundo saber e pela sua não menos profunda vida espiritual.

4. Fui ordenado sacerdote aos 08 de dezembro de 1945, ano em que a Europa ressurgia das cinzas e dos escombros de uma segunda guerra mundial. - Dez dias depois de ordenado, quando me dispunha a visitar alguns parentes, desejosos da visita do neo-sacerdote, que por sua vez desejava muito visitá-los, recebo com surpresa uma provisão de Dom Joaquim, ordenando que siga imediatamente para Jaguaruna, paróquia situada perto de Tubarão, a fim de substituir o pároco, urgentemente necessitado de repouso. Fui, e acabei gostando daquele povo, simples e muito religioso; gostei deveras.

Mas, vem logo nova surpresa: um mês depois de minha chegada, ao desembarcar do trem, voltando de uma semana de visitas a comunidades do interior, um seminarista me entrega um telegrama urgente, cujos dizeres eram os seguintes: "*Siga imediatamente Seminário Azambuja*", Mons. Harry BAUER, Vigário Geral. Confesso que a mensagem ou a ordem me deixou triste. Tratava-se de deixar o povo com quem havia iniciado agradável processo de identificação. Mas fiz como ordenava o telegrama:

segui viagem para o novo destino. Em Tubarão soube que Mons. Francisco GIESBERTS, por muitos anos vigário de Itajaí e então pároco de Armazém, estava internado no Hospital Na. Sra. da Conceição, naquela cidade. Resolvi fa-

*"Você conheceu
as alegrias da vida
pastoral. Mas vá
alegremente para
o Seminário!"*

zer-lhe uma visita, durante a qual lhe manifestei a minha tristeza (não revolta) em deixar a paróquia. E ele então me disse algo que nunca esqueço e que me deu e me dá coragem para trabalhar no Seminário: "Você conheceu as alegrias da vida pastoral. Mas vá alegremente para o Seminário! Faça este sacrifício com alegria, pois você vai trabalhar na formação de nossos sucessores, sem o que não haverá padres para a diocese". Eu assim fiz, e ainda hoje sou grato ao Mons. GIESBERTS pelas palavras com que me encorajou. Em Azambuja fui muito bem recebido pelos padres, que já estavam todos em casa, visto que daí a dias chegariam os alunos e começaria o novo ano letivo. Minha primeira permanência no seminário foi de 25 anos consecutivos.

5. Durante estes 50 anos, o acontecimento que mais me marcou como sacerdote, e nem podia ser diferente, foi sem dúvida o Concílio Vaticano II. Subindo João XXIII ao sólio pontifício, uma das primeiras medidas foi anunciar para breve a realização de um Concílio Ecumênico. Resultado: surpresa e quase estupefação! Que queria o Santo Padre com o Concílio? Lembro-me de uma pales-

tra proferida por Dom Helder CÂMARA, na Igreja de Na. Sra. da Glória, no Estreito, em que ele começava citando as palavras do Papa aos Bispos na sessão de abertura do Concílio: *O principal objetivo do Concílio é a nossa conversão.*

Consta também que, sendo o Papa perguntado por um Cardeal sobre o que pretendia com o Concílio, sua Santidade teria ido à janela e, escancarando-a, teria dito: *"Ar fresco na Igreja"*. Ora, está visto que não basta o ar fresco invadir o recinto, se os pulmões dos que nele residem continuam contaminados. O Concílio, pois, não queria novidade simplesmente por novidade, mas algo novo que levasse à renovação interior, à conversão do coração. Seria ocasião e instrumento para o Senhor *arrancar do nosso peito o coração de pedra, a fim de substituí-lo por um coração de carne* (Ez 36,26), cirurgia dolorosa, mas necessária. Na verdade, o Concílio foi exigente: é como um doente deitar-se em mesa de operação de um hospital e submeter-se a uma cirurgia sem receber anestésicos de espécie alguma. É algo violento, mas o resultado é compensador: a alegria indescritível da recuperação da saúde.

O ponto alto do Vaticano II foi sem dúvida o ter-nos brindado com a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, com um novo e fascinante enfoque do tema IGREJA. Nela vemos uma Igreja olhando para dentro de si mesma, lembrando a sua origem trinitária, dom do Pai, que nos é oferecido por Cristo, no Espírito Santo. Depois de lembrar sua fundação por Jesus Cristo, passa a considerar a sua estrutura humana: ela é antes de tudo, depois de Mistério e Comunhão, POVO DE DEUS: quem pertence ao Povo de Deus, como se organiza este Povo de Deus, em hierarquia e laicato. Já vimos como todos, indistintamente e sem exceção alguma, em virtude da sua condição de batizados, são obrigados à prática da santidade. Há um grupo, como também já foi salientado há pouco, que leva a prática da santidade até a radicalidade, constituindo-se em SINAL.

Esta Igreja caminha para consumação na glória celeste, tendo à sua frente o exemplo dos santos, que souberam viver na sua vida o Mistério Pascal de Jesus, sobressaindo entre todos a figura ímpar de Maria que, mais e melhor do que ninguém, soube viver o Mistério Pascal de seu divino Filho.

Definido isso, todos os demais documentos são decorrência lógica deste, que é o primeiro a figurar nos compêndios do Vaticano II, embora não tenha sido o primeiro em ordem cronológica.

6. Porém, durante o Concílio e no período pós-conciliar, uma palavra houve que foi sem dúvida a mais

badalada e que também a mim mais me impressionou. Dentre as diversas tomadas de posição da Igreja do Vaticano II, causou-me espécie a nova postura perante o mundo e as realidades terrestres, definida com muita clareza pela

"Todo padre deve encarnar essa característica da nova Igreja: Servir"

Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, logo na sua in-

trodução: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias do homem de hoje, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das discípulos de Cristo. - Não se encontra nada verdadeiramente humano, que não lhes ressoe no coração". Numa palavra, a Igreja quer sentir com o gênero humano, quer estar a seu lado, estar COM ele, quer SERVIR, assim como Jesus: *O Filho do Homem veio não para ser servido, mas para servir* (Mt 20,28). Veio para que as ovelhas *tenham vida, e a tenham em abundância* (Jo 10,10). Todo padre deve encarnar essa característica da nova Igreja: Servir, estar à disposição das ovelhas, ser sempre disponível, dizer sempre SIM, e nunca dizer NÃO, a não ser que alguma circunstância nos obrigue a dizer Não. Mas que se tenha sempre diante dos olhos o exemplo de Cristo, de quem diz o apóstolo Paulo: "O Filho de Deus, Jesus Cristo, que nós, Silvano e eu, vos temos anunciado, não foi ora sim e depois não, mas sempre foi SIM" (2Cor 1,19).

7. Parece que, mesmo que não fôssemos cristãos, batizados, poderíamos perceber que neste mundo tudo existe para servir. Na família, cada qual tem seu encargo, para o bem de todos. O mesmo se diga de toda e qualquer comunidade: a organização existe para ensinar a servir. Dizia maravilhosamente Gabriela MISTRAL, poetisa chilena, cuja poesia se inspira em profunda simpatia humana. É de sua autoria o poema "*Alegria de Servir*", que apresento a seguir:

Toda a natureza é um serviço:
Serve a nuvem,
Serve o vento,
Serve a chuva...

Onde haja um trabalho e todos se esquivam,
aceite-o você.
É muito belo fazer aquilo que outros recusam.
Mas, não caia no erro de que há mérito somente nos grandes trabalhos.

Há pequenos serviços que são bons serviços:

- arrumar uma casa,
- pôr em ordem os livros,
- pentear uma criança.

Há a alegria de ser puro,
e a de ser justo.
Mas, há, sobretudo,
a maravilhosa, a imensa
alegria de servir.

Endereço do Autor:

Seminário Metropolitano de Azambuja
Caixa Postal 301
88350-000 BRUSQUE, SC